

J. PINTO PEIXOTO ▪ F. R. DIAS AGUDO ▪ J. TIAGO DE OLIVEIRA ▪ J. CAMPOS FERREIRA  
MARGARITA RAMALHO ▪ A. RIBEIRO GOMES ▪ ARMANDO POLICARPO ▪ F. DUARTE SANTOS  
J. GOMES FERREIRA ▪ L. A. MENDES VICTOR ▪ MANUEL LARANJEIRA ▪ M. GOMES GUERREIRO  
J. CÂNDIDO DE OLIVEIRA ▪ ROBALO CORDEIRO ▪ J. CELESTINO DA COSTA ▪ A. CASTRO CALDAS  
BARAHONA FERNANDES ▪ ARANTES E OLIVEIRA ▪ A. F. CARVALHO QUINTELA ▪ A. BARBOSA  
DE ABREU ▪ GOUVÊA PORTELA ▪ L. BRAGA CAMPOS ▪ J. J. DELGADO DOMINGOS ▪ A. F.  
OLIVEIRA FALCÃO ▪ DOMINGOS MOURA ▪ H. CAMPOS NETO ▪ A. LARCHER BRINCA ▪ J. F.  
QUINTINO ROGADO ▪ M. AMARAL FORTES ▪ M. BAPTISTA BRAZ ▪ M. PEREIRA COUTINHO  
FERNANDO ESTÁCIO ▪ P. O. PEREIRA SANTOS ▪ A. A. MONTEIRO ALVES ▪ BRITALDO RODRI-  
GUES ▪ L. AIRES DE BARROS ▪ MATOS ALVES ▪ M. PORTUGAL FERREIRA ▪ ANTÓNIO RIBEIRO  
FRANCISCO GONÇALVES ▪ TELLES ANTUNES ▪ LUÍS ARCHER ▪ J. MONTEZUMA DE CARVALHO  
J. FIRMINO MESQUITA ▪ ABÍLIO FERNANDES ▪ J. MALATO-BELIZ ▪ ARSÉNIO PATO DE  
CARVALHO ▪ A. XAVIER DA CUNHA ▪ ALLEN DEBUS ▪ J. SIMÕES REDINHA ▪ SEBASTIÃO  
J. FORMOSINHO ▪ A. M. A. ROCHA GONSALVES ▪ L. ALMEIDA ALVES ▪ OLIVEIRA CABRAL  
FRAÚSTO DA SILVA ▪ JOSÉ V. PINA MARTINS ▪ AMÉRICO COSTA RAMALHO ▪ FERNANDO  
REBELO ▪ C. ALBERTO MEDEIROS ▪ ILÍDIO DO AMARAL ▪ MANUEL GARRIDO ARAÚJO  
MANUEL VIEGAS GUERREIRO ▪ A. SIMÕES LOPES ▪ A. SOUSA FRANCO ▪ ONÉSIMO T. ALMEIDA  
JUSTINO MENDES DE ALMEIDA ▪ FRANCISCO GAMA CAEIRO ▪ RÓMULO DE CARVALHO

---

# HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA EM PORTUGAL NO SÉC. XX

III VOLUME



---

PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA  
LISBOA • 1992

CONTRIBUIÇÃO DOS GEÓGRAFOS PORTUGUESES  
PARA O CONHECIMENTO CIENTÍFICO  
DAS REGIÕES TROPICAIS

ILIDIO DO AMARAL \*

A Geografia moderna, criada a partir das obras fundamentais de Alexandre von Humboldt e Carl Ritter, sem dúvida que foi introduzida em Portugal por Francisco Xavier da Silva Telles (Pondá, 1860 - Lisboa, 1930), o primeiro professor universitário de Geografia, no antigo Curso Superior de Letras, de Lisboa. Em *O conceito científico em Geografia*, Coimbra, 1915, defendia a independência científica da Geografia com a finalidade da interpretação dos fenómenos da superfície terrestre e o seu ensino superior — que tratou em *L'Enseignement supérieur de la Géographie*, Genebra, 1909 — devia ter como objectivo a criação de um «espírito científico», que só poderia ser obtido por meio de um ensino coordenado, baseado num corpo doutrinal. Recordemos ainda que Silva Telles foi Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1912, Secretário-geral da Sociedade de Geografia de Lisboa durante perto de doze anos, Reitor da Universidade de Lisboa em 1928-1929 e Ministro da Instrução Pública por cerca de dois meses em 1929. Como médico e oficial de Marinha percorreu uma boa parte do então ultramar português, demorando-se em alguns pontos. Reuniu assim experiências pessoais que muito contribuíram para a sua actividade de docente e a elaboração de numerosos trabalhos, dos quais citaremos apenas os mais importantes relacionados com temas das regiões tropicais.

\* Sócio Efectivo da Academia das Ciências de Lisboa, Professor Catedrático da Universidade de Lisboa, Director do Centro de Geografia do Instituto de Investigação Científica Tropical.

Entre *Colonização portuguesa nos climas tropicais*, Lisboa, 1891, e o *Rapport sur la climatologie intertropicale et les climats des colonies portugaises*, Roma, 1924, outros títulos evidenciam as suas preocupações sobre tais regiões. Orlando Ribeiro, em «Silva Telles, introdutor do ensino da Geografia em Portugal», *Finisterra*, XI (21), 1976, a propósito da classificação dos climas intertropicais, inserida naquele relatório, escreveria o seguinte: «ela afasta-se tanto da rigidez sistemática de Köppen como da exemplificação regional de De Martonne, mais maleável que qualquer delas e, por isso mesmo, introduzindo excessiva variedade e atendendo a condições de exposição e altitude mais próprias para definir, dentro de grandes conjuntos, variedades regionais e até locais» (p. 26). E acrescenta que, «pela sua aptidão 'a pensar em conjunto' o clima da zona intertropical Silva Telles foi um precursor da *Geografia zonal*, cedo entrevista por De Martonne e definida com vigor por este grande geógrafo em 1946, mas que só nos nossos dias está recebendo um tratamento sistemático e completo. Para a época, o longo estudo de Silva Telles é um trabalho pioneiro e mostra como este geógrafo, que não possuía a preparação e o temperamento de investigador, tinha o sentimento muito vivo das orientações renovadoras da ciência geográfica» (p. 27-28). Em 1985, em colaboração com Ana Amaral, publicamos a tradução do celebrado artigo de Em. Martonne: «Géographie zonale. La zone tropicale», com algumas notas, em «Geografia das regiões tropicais. (Coleção de textos comentados) - 1», *Garcia de Orta*, Série de Geografia, Lisboa; é um trabalho ainda hoje importante.

Seria injusto não recordar também Ernesto de Vasconcellos, de seu nome completo Ernesto Júlio de Carvalho e Vasconcellos (Almeirim, 1852 - Lisboa, 1930), oficial da Marinha, que foi Secretário e Presidente da Comissão de Cartografia, criada em 1883; esta daria lugar, em 1936, à Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais que, por sua vez, seria a antecessora do actual Instituto de Investigação Científica Tropical. Entre a criação daquela Comissão e o diploma deste Instituto estende-se um século de investigações científicas sobre as regiões tropicais, sobretudo dos territórios que foram colónias portuguesas, em que as geográficas sempre tiveram grande relevo.

É conhecida a imensa actividade de Ernesto de Vasconcellos: artigos e livros, relatórios e pareceres, preparação de exposições e dos respectivos catálogos, missões, conferências, cursos e participação em inúmeras reuniões nacionais e internacionais; Vice-Presidente da União Geográfica Internacional, Secretário perpétuo da Sociedade de Geografia de Lisboa,

honra que anteriormente só fora conferida a Luciano Cordeiro, membro da Câmara de Deputados, Director-Geral do Ministério das Colónias, etc. Da sua vasta bibliografia evidenciam-se os trabalhos relacionados com as colónias portuguesas, das quais mencionamos, como exemplos, apenas alguns pontos de referência: num estudo sobre a foz do Zaire aparece uma das primeiras notas de interesse científico acerca do canhão submarino no prolongamento do vale desse rio; para a época ficaram notáveis os seus levantamentos entre Cabo Verde e a foz do Gâmbia; foram muito úteis as monografias sobre aspectos climatológicos dos territórios ultramarinos, para os quais incentivou a instalação de postos e estações meteorológicas; tornou-se uma autoridade em questões de fronteiras, quer em Timor, quer em Angola, tendo aqui papel de relevo na defesa dos interesses portugueses na questão do Barotse, que asseguraria a Portugal a soberania de cerca de 1/4 de Angola, e na delimitação da fronteira meridional, entre os rios Cunene e Cubango; ainda merecem leitura atenta as suas reflexões no *Relatório acerca do estudo dos problemas coloniais*, 1911; serviram muitas gerações de estudantes o manual sobre *As colónias portuguesas. Geografia física, económica e política* (1.ª edição em 1897 e outras em 1903 e 1921) e a colecção de cartas de *As nossas colónias de África. Atlas Escolar Primário*, 1922, em colaboração com Miranda Diniz.

Lugar destacado também deve ser atribuído a «Reconhecimento científico das colónias. Missões económicas às Colónias», texto apresentado ao 2.º Congresso Colonial Nacional, de 1924, sobretudo por certas afirmações, tais como «o estudo científico das Colónias é a base de toda a administração, que forçosamente terá de obedecer a empirismos, por desconhecimento dos diferentes ramos da ciência geográfica, relativa aos territórios e populações dessas colónias. Naturalmente o que primeiro se impõe, tratando-se de territórios tão vastos, é o seu reconhecimento geográfico, para obtermos como que a sua imagem, isto é, a sua cartografia, que nos indique o curso dos seus rios e orientação das suas montanhas, a fim de se alcançar uma primeira ideia das suas possíveis linhas de comunicação para os centros de população ou de produção, e como a Geografia não é apenas uma descrição da superfície do Globo, mas também o estudo da influência que a Terra exerce nos seus habitantes e da reacção que estes produzem sobre ela, teremos de determinar as características dessa população e das possibilidades económicas da região em estudo. Nesta primeira investigação, proceder-se-ia também à escolha de pontos fundamentais para o traçado de uma rede de trian-

gulação geodésica, para servir de base à agrimensura e a futuros levantamentos topográficos, corográficos e hidrográficos, que se deviam apoiar nessa rede trigonométrica, como complemento daquele primeiro estudo». Ainda de sua autoria é o seguinte: «Do pouco que há feito em matéria geográfica, tomou a iniciativa a Comissão de Cartografia, propondo a constituição da 'Missão Geodésica da África Oriental', que operou ao sul do Save, da 'Missão Geo-Hidrográfica da Guiné', que ainda prossegue, e da 'Missão Geográfica de Cabo Verde', que apenas pôde levantar as cartas das ilhas de S. Vicente, Boa Vista e do Sal, firmadas numa curiosa triangulação. Na província de S. Tomé e Príncipe acha-se hoje feita a carta da ilha de S. Tomé, baseada em uma rede geodésica devida a Gago Coutinho. Além disso, que tão pouco representa, mas que poderia ter prosseguido se houvesse espírito de sequência na administração colonial portuguesa, existem apenas algumas plantas recentes dos mais importantes portos das nossas Colónias, sendo os mais modernos os de Bissau, Bolama, Ana Chaves, Santo António do Príncipe e Macau».

Apesar de tudo, não lhe pode ser atribuído o papel de «renovador» dos estudos geográficos em Portugal, que coube, como já o dissemos, a Francisco Xavier da Silva Telles, sobre quem Orlando Ribeiro, no artigo anteriormente citado, p. 35, escreveria: «da sua obra, geralmente esquecida dos geógrafos mais novos, joeiram-se algumas páginas luminosas e densas ... Por isso H. Lautensach, a propósito do seu desaparecimento, e a despeito de alguns trabalhos notáveis da escola de Coimbra, pôde considerá-lo 'o mais ilustre representante da Ciência geográfica em Portugal'».

\*

Sob a designação de «Escola geográfica de Lisboa» se têm incluído todos quantos adquiriram aprendizagem de geógrafo no Centro de Estudos Geográficos criado e impulsionado por Orlando Ribeiro, sem dúvida o «geógrafo português que maior notoriedade alcançou aquém e além-fronteiras» (J. Gaspar e A. Gama, «Perspectivas da geografia humana em Portugal: ensino, investigação e carreiras», Salamanca, 1981). O sector da geografia das regiões tropicais também muito ficou a dever ao Mestre e ao Centro criado em 1943 pelo então Instituto para a Alta Cultura, depois Instituto de Alta Cultura, substituído em 1975 pelos actuais Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC) e Instituto de Língua e Cultura Portuguesa (ICALP). Pouco tempo depois da sua

criação, no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa teriam sede missões de estudos sobre as províncias ultramarinas, criadas e subsidiadas pela antiga Junta de Investigações Científicas do Ultramar, graças às quais se puderam especializar alguns geógrafos com base em trabalhos de campo levados a cabo em todos aqueles territórios e muitos outros de regiões tropicais.

É curioso notar que o desenvolvimento dos estudos de geografia das regiões tropicais, como noutros países da Europa, particularmente em França, a cuja escola de geografia a nascente «escola geográfica de Lisboa» estava muito ligada, ganhou impulso depois da Segunda Guerra Mundial ou, ainda melhor, após o 16.º Congresso Internacional de Geografia, realizado em Lisboa, 1949, sendo responsável pela sua organização Orlando Ribeiro, ajudado por um pequeno número de discípulos e outros. Com ele retomava-se a tradição dos Congressos Internacionais de Geografia, interrompida pela guerra. Recordemos que 3 anos antes, nos *Annales de Géographie*, Em. de Martonne publicara «Géographie zonale. La zone intertropicale», que corresponde à lição que o grande Mestre pudera retirar das suas investigações no Brasil. Estava lançado o tema da geografia zonal, no qual se inseriam a geomorfologia, a climatologia, a geografia botânica e a pedologia, fazendo esta a ligação entre aqueles domínios até aí independentes. Impõe-se a ideia de que as grandes articulações da geografia natural são dominadas pelo clima e, portanto, pela latitude e pela posição sobre as fachadas ocidentais ou orientais dos continentes. A tomada de consciência da unidade humana do mundo tropical encontra eco na evolução de concepções relativas à geografia física e deve-se, em grande parte, à obra de um geógrafo belga, Pierre Gourou, iniciada praticamente pela sua tese de doutoramento sobre os camponeses do delta tonquinês, de 1936, reimpressa em 1965. Mas a sua obra mais difundida seria, sem dúvida, *Les pays tropicaux*, Paris, PUF, 1947, VIII + 197 p., com várias edições e traduções.

Pois, Orlando Ribeiro e Pierre Gourou, discípulos de Emmanuel de Martonne, muito contribuíram para o progresso da geografia das regiões tropicais e sobretudo para o seu estudo em Portugal. Mas regressemos ao 16.º Congresso Internacional de Geografia, Lisboa, 1949, que representou, para além de tudo, um momento chave da evolução da Geografia portuguesa em geral e do arranque dos estudos científicos das regiões tropicais em particular. A Geografia portuguesa, consolidada a nível nacional, projectar-se-ia internacionalmente. Um dos livros-guias de excursões, dedicado à Madeira, *L'Ile de Madère*, de Orlando Ribeiro,

o primeiro estudo monográfico de território fora dos limites do rectângulo português da Península Ibérica, viria a ser o modelo para outros trabalhos do género, elaborados por ele próprio e por alguns dos seus discípulos. Do mesmo autor são *Missão de Geografia à Guiné em 1947*, *Acerca do Mapa Topográfico da Guiné* e *Problemas de Investigação Científica Colonial*, todas de 1950. Marcaram o início de uma actividade que ele e diversos discípulos desenvolveram a partir daí, contribuindo para o conhecimento dos territórios que hoje são países independentes, estados soberanos, de língua oficial portuguesa e, de um modo geral, das regiões tropicais. A última publicação mencionada contém intervenções de um colóquio realizado na Junta de Investigações Coloniais, em 30 de Dezembro de 1949. Aí se apontam alguns problemas fundamentais sobre a organização, a orientação e o espírito da investigação colonial, «como ponto de partida duma contribuição portuguesa para o estudo das regiões tropicais». Reproduzimos, da p. 8, o seguinte: «Os trabalhos *in loco* podem revestir, naturalmente, feições muito diferentes. Podem ser apenas reconhecimentos. Esses reconhecimentos são, infelizmente, entre nós, ainda muitas vezes oportunos e nada melhor do que eles dá ideia do nosso atraso científico em muitas matérias. Mas é preciso, sobretudo, conduzirmos em profundidade autênticos trabalhos monográficos: porque só eles nos garantem categoria internacional e constituem contribuição valiosa que se imponha aos homens de ciência de todo o Mundo, arredando de vez a compilação bibliográfica, o impressionismo das viagens rápidas, as sínteses daquilo que não se analisou e, dum modo geral, os trabalhos que não assentam numa larga base de experiência pessoal e directa [...]. Creio que o objectivo fundamental dum organismo coordenador da investigação colonial é promover o trabalho nas colónias. Só quando houver um corpo de investigadores com longa prática de trabalho nas regiões tropicais, gente sempre disposta a partir, quando se tiverem escrito algumas monografias e existirem bons especialistas de diferentes matérias na África ou na Ásia, nós teremos dado um decisivo passo em frente no caminho da investigação colonial». E da p. 5 extraímos ainda: «Os investigadores coloniais como poderão aparecer? Naturalmente, quando se desenvolver nas nossas escolas o ensino das matérias coloniais, quando este ensino for feito por professores competentes, isto é, não apenas por homens que tenham maior ou menor informação bibliográfica, mas que possuam experiência directa e sejam capazes de ensinar o que viram». Dos materiais recolhidos durante a missão à Guiné, Orlando Ribeiro publicaria, entre

outros, *Agriculture in West Africa* (1951), repetido em *L'Aménagement du terroir en Afrique Occidentale* (1953), frequentemente citados por especialistas em tal domínio, *Sur quelques traits géographiques de la Guinée Portugaise* (1952), *The Portuguese Province of Guinea. Land of Estuaries and Rivers* (1957).

Não deixa de ser interessante assinalar o primeiro contacto de Orlando Ribeiro com as terras africanas, que ele próprio recordou no Prefácio de *A Ilha da Madeira até meados do século XX*<sup>1</sup>, do seguinte modo: «A primeira terra que vi fora de Portugal foram as escalvadas Ilhas de Cabo Verde, nesse ano duramente flageladas pela seca causadora de sofrimentos e misérias que chegavam até à morte de um quinto dos habitantes. Abri os olhos deslumbrados à atraente variedade africana, desde florestas pujantes até ao deserto absoluto do Namibe. Tão impressionante como a diversidade de aspectos da natureza, era a humanidade que vivia no seu seio, ou se acumulava em cidades ainda geralmente pequenas e de aspecto provinciano. Nada mais nas paisagens e nos modos de vida recordava a Metrópole distante». A recordação reporta-se a uma viagem de regresso de um cruzeiro a todas as Colónias portuguesas do Atlântico, nas férias grandes de 1935, com dois dias de paragem na Madeira. E sobre esta escreveu no mesmo Prefácio: «A Madeira, com o vigor do relevo, com a gente branca, o ambiente provinciano das povoações, uma elegante cidade que era a terceira da Metrópole, os frutos exóticos no aroma, no sabor e na forma, misturando-se a outros que nos são familiares, com pinheiros, macieiras, castanheiros e casas e barracas disseminadas pelo campo, causaram uma das minhas mais profundas impressões de nóvel geógrafo. Prenderam-se-me os olhos a tanto encanto e logo fiz o propósito de empreender um estudo da Ilha, que a Administração não subsidiaria por custar mais caro do que no Continente e a Junta de Investigações Científicas do Ultramar, dotada de mais largos recursos, não os poder aplicar a uma parcela metropolitana; muitos anos passaram sem que o meu *desideratum* pudesse tornar-se realidade».

Nessa altura estava longe de imaginar que, depois da Madeira, uma erupção vulcânica na ilha do Fogo (Cabo Verde), em 1951, lhe daria não

<sup>1</sup> O. Ribeiro, *A Ilha da Madeira até meados do século XX. Estudo geográfico*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1985, corresponde à tradução de *L'Île de Madère*, feita por uma discípula do Mestre, Maria do Rosário de Paiva Raposo.

só a ocasião da sua primeira experiência de estudo de fenómenos eruptivos, mas também a de iniciar a série de magníficos ensaios sobre a expansão portuguesa e os seus efeitos nas terras descobertas. Assim nasceu *A Ilha do Fogo e as suas Erupções*, Lisboa, 1954 (2.<sup>a</sup> edição em 1960), que seria galardoado com o Prémio Abílio Lopes do Rego, da Academia das Ciências de Lisboa. Na apresentação do próprio autor, «o presente livro compreende a primeira série de estudos sobre o Fogo e abrange duas partes distintas: uma monografia geográfica da ilha e uma notícia das suas erupções, onde se dá a descrição desenvolvida da última. Uma erupção é sempre um 'acontecimento' com grande repercussão na vida da ilha; os assuntos ficam assim naturalmente entrelaçados. A monografia do Fogo pode colocar-se em paralelo com outros estudos sobre as nossas ilhas atlânticas: a minha geografia da *Madeira*, a tese doutoral de Raquel Soeiro de Brito sobre *São Miguel* e os ensaios de Francisco Tenreiro sobre *São Tomé*, prelúdio de trabalho mais extenso e completo. Cada um dos três arquipélagos atlânticos portugueses tem agora uma das suas ilhas estudada com desenvolvimento. É na base destas monografias (e de outras, que é de esperar venham a realizar-se) que poderá assentar um estudo conjunto deste original mundo insular, assunto que, desde Elisée Reclus, nenhum geógrafo ainda abordou». [...] «Ao mesmo tempo que trouxe mais uma contribuição para o conhecimento de territórios portugueses distantes, aprofundei alguns pontos relativos à nossa expansão e fixação, com perspectiva mais vasta do que a utilizada no livro anterior sobre a Madeira. Novas observações permitiram-me comparações frutuosas; reflexões subsequentes conduziram-me a formular hipóteses de trabalho e a ensaiar uma sistematização parcial do assunto, que espero tratar com desenvolvimento, à luz da disciplina científica que me é familiar — não única, por certo, mas indispensável, para compreender, na sua riqueza e complexidade, a difusão de um povo pequeno nas vastas áreas do mundo que abriu à vida de relação. Algumas páginas do presente livro foram escritas já dentro dessas preocupações. Por outro lado, creio trazer, através do exemplo da ilha que estudei, uma achega para a compreensão dos graves problemas de Cabo Verde e uma amostra de quanto a pesquisa 'desinteressada' pode servir os fins utilitários da administração».

Esta longa citação tem o mérito, pelo que nela está contido, de orientação e propostas claras que guiariam os seus discípulos. Os ensaios, a maior parte dos quais publicada entre 1954 e 1961, seriam reunidos em *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, Lisboa, 1962: aspectos

e problemas da expansão portuguesa; o Infante e o mundo novo; originalidade da expansão portuguesa; reflexões em torno da expansão portuguesa; primórdios da ocupação das ilhas de Cabo Verde; originalidade de Goa; a cruz e o tulôse (imagens de Goa); a festa de São Francisco Xavier em Velha Goa; viagens e negócios de um mercador português do século XVII; a que juntaria um inédito, «A Ilha de São Tomé no Quadro da Expansão Portuguesa».

Os temas sobre as regiões tropicais jamais deixariam de ocupar a atenção de Orlando Ribeiro. Em *Destinos do Ultramar*, Lisboa, 1975, reuniria a série de artigos publicados no *Diário de Notícias*, de 24 de Setembro a 28 de Outubro de 1974; «redigidos ao correr da pena sobre resultados de alguns anos interpolados de viagens e de muita reflexão, constituem o depoimento de uma experiência pessoal que não pareceu despropositado comunicar ao grande público português. Escrito de circunstância motivado pela descolonização, propõe-se ajudar a compreender, e reflectir e a construir uma opinião fundamentada», segundo pp. 9-10 do livro. Em *A Colonização de Angola e o seu Fracasso*, Lisboa, 1981, é categórico ao afirmar que «Angola ficou profundamente ligada à vida nacional...», e que «A colonização portuguesa de Angola saldou-se por um fracasso que é necessário não iludir para o tentar compreender e explicar». Estas frases do Prefácio situam os problemas que o autor desenvolve ao longo de oito capítulos do livro, onde ganham relevo as comparações com outras áreas, quer africanas, quer americanas, e sobretudo brasileiras. «A comparação com o Brasil forneceu-me — creio não me enganar — a mais forte linha interpretativa: outra conjuntura, sobretudo outra dimensão histórica, em certos aspectos reduzida a alguns decénios em Angola, a despeito de os portugueses a terem abordado antes da América. Esta a razão por que o leitor de um livro sobre Angola encontra muitos exemplos americanos que, de caso pensado, nele se introduziu». Publicamos uma recensão do livro em 1983, na revista *Finisterra*, do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa.

Voltando mais uma vez aos tempos de preparação do 16.º Congresso Internacional de Geografia, em 1949, entraria para o pequeno grupo de colaboradores de Orlando Ribeiro um jovem são-tomense, diplomado pela Escola Superior Colonial, que procurava aumentar os seus conhecimentos geográficos, particularmente em Geografia humana: Francisco Tenreiro (1921-1963). Traria consigo a aproximação sociológica, que desenvolveria em vários trabalhos dedicados sobretudo à ilha de São Tomé, mas também a outros territórios africanos. *Acerca da casa e Povoamento*

*da Guiné*, Lisboa, 1950, foi um das primeiras publicações, com base em materiais recolhidos através de um inquérito lançado pelo Centro de Estudos da Guiné Portuguesa e em notas de Geografia humana da missão de Orlando Ribeiro àquela província. Procurou seguir o esquema por este exposto, «agrupando os povos pelas características da vida material que mais se exprimiam como *marcas* no solo que ocupam». Outros títulos são «A agricultura na ilha de São Tomé: suas relações com as condições geográficas, a colonização e a economia geral» (1949), «Aspectos da Colonização da Ilha de São Tomé: séculos XVI-XX» (1950), «Descrição da ilha de São Tomé no século XVI» (1953), «Cabo Verde e São Tomé e Príncipe — esquema de uma evolução conjunta» (1956), *As Ilhas de São Tomé e Príncipe, e o Território de São João Baptista de Ajudá* (1956), «São Tomé e Príncipe. Alguns traços geográficos» (1956), «Engenhos de água na ilha de São Tomé no século XVI» (1957), «Colonisation et contacts de civilisation dans l'île de São Tomé» (1960), «A floresta e a ocupação humana na ilha de São Tomé» (1961), marcariam o percurso científico até à dissertação de doutoramento, *A Ilha de São Tomé. Estudo Geográfico*, Lisboa, 1961. Numa das primeiras páginas o autor recorda que «São Tomé esteve sempre nas minhas preocupações científicas e até nas de cunho sentimental, porventura tão importantes como aquela». [...] «Tive por finalidade definir em termos geográficos a originalidade de uma natureza tropical e os estilos de vida da sua população compósita». Além do texto e de abundante ilustração, o livro incluiu uma bem elaborada *Bibliografia Geográfica de São Tomé e Príncipe* (pp. 243-279). A tese mereceu o Prémio Abílio Lopes do Rego, da Academia das Ciências de Lisboa.

De Francisco Tenreiro, bruscamente falecido em fins de 1963, ficaram outros trabalhos. Colaborou em *Selected annotated bibliography of Tropical Africa* (1955) e também em *West Africa*, Londres, 1955 (e 1961), editado por R. J. Harrison-Church, com «The Portuguese Province of São Tomé and Príncipe. Portugal's plantation isles»; escreveu artigos de carácter mais geral, como «África. Breve introdução ao seu estudo» (1953), «Acerca do diálogo entre a Europa e a África Negra. Dados para a sua compreensão» (1959), «Sur un style de la colonisation rurale portugaise» (1960), em colaboração com Orlando Ribeiro, «Acerca de arquipélagos crioulos» (1961), «O problema das relações humanas no Ultramar. Dados para a sua compreensão» (1962). E, já depois do seu falecimento, seria publicado «Angola. Problemas de Geografia humana» (1965).

Sobre Francisco Tenreiro, e justamente acerca deste último trabalho, escreveu Orlando Ribeiro em *A Colonização de Angola e o seu Fracasso*, ter sido «um dos nossos mais finos geógrafos» (p. 40), que «podia ter vindo a escrever uma Geografia humana de Angola, que tanto o impressionou numa viagem rápida» (p. 150), como deixava advinhar o esboço traçado «com mão de mestre» (p. 152). Noutra passo acrescentou que «Tenreiro dedicou igual atenção às duas 'faces', africana e europeia, da evolução humana de Angola. Uma e outra confrontadas sempre com o ambiente, as possibilidades reveladas com esforço e as severas limitações» (p. 152). Francisco Tenreiro leccionou na Faculdade de Letras de Lisboa e no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina. Foi deputado pelo círculo de São Tomé na Assembleia Nacional. Poeta de extrema sensibilidade ao «diálogo a um tempo brutal e amoroso» entre a Europa e a África, ou melhor, entre Brancos e Negros, a sua obra tem sido frequentemente citada em estudos e antologias de literatura: *Ilha de Nome Santo*, o primeiro livro de poemas, e *Coração em África*, publicado após a sua morte, avultam entre outra produção poética.

Em 1955-1956 decorria a Missão de Geografia da Índia, criada pela Junta de Investigações Científicas do Ultramar, sendo seus participantes Orlando Ribeiro, Mariano Feio e Raquel Soeiro de Brito. Do primeiro, além das contribuições já mencionadas a propósito de *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, seriam ainda as notas a uma tradução do artigo de Norbert Krebs, «Goa», publicado em alemão em 1933, e a tradução e notas do extracto de um artigo de Pierre Gourou, «Quelques observations de géographie tropicale dans l'Inde» (1950-1951), que saíria com o título de «Goa. Algumas observações de geografia tropical» (1956). Um outro artigo, «Originalidade de Goa» (1959), teve tradução para alemão como «Die Engenart Goas» (1963). Mariano Feio, mais interessado pelos problemas de geomorfologia, escreveria «Problemas da Geomorfologia de Goa» (1956). Todavia, isso não o impediu de reunir também elementos de natureza etnográfica, utilizados mais tarde na elaboração do livro *As Castas Hindus de Goa* (1979). Raquel Soeiro de Brito, dando maior atenção aos aspectos de geografia humana, estudá-los-ia em «Notas para o estudo dos modos de vida de Goa» (1956), «Notícia do inquérito das aldeias de Goa» (1957), «A Terra e a Gente da Índia Portuguesa» (1961). Esta geógrafa acabaria por reunir os abundantes materiais recolhidos num volume de 197 páginas, profusamente ilustrado, *Goa e as Praças do Norte*, Lisboa, 1966, ao qual foi atribuído

o Prémio Almirante Gago Coutinho, da Sociedade de Geografia de Lisboa. Escreveu ela na introdução do livro: «A mim coube, principalmente, o estudo dos processos e organização da pesca e do arranjo do espaço agrícola, além do levantamento de pormenor de três aldeias de Goa que, depois de um estudo prévio, foram consideradas aldeias-tipo: Curtorim — área de cristãos fortemente enraizados na terra; Moirá — na zona cristã de maior emigração; Marcaim — de expressão hindu. Posteriormente, o regresso inesperado de Orlando Ribeiro fez recair sobre a autora parte do trabalho que o chefe da Missão tinha destinado a si próprio, o que permitiu alargar o âmbito do presente estudo» (p. 5). O tema das aldeias de Goa seria retomado muito recentemente em contribuição para o livro de homenagem a Mariano Feio, jubilado como professor catedrático da Universidade de Évora. A autora trabalhou noutros territórios, como testemunham *Imagens de Macau* (1964), «Aspectos da vida marítima em Macau» (1965), «Ocupação do solo no Timor português» (1971), e artigos sobre Angola, São Tomé e Príncipe e também sobre o Brasil.

Depois dos geógrafos mencionados, iniciaria a sua carreira universitária Ilídio do Amaral, licenciado com dissertação sobre *São Paulo de Assunção de Luanda*, Lisboa, 1956, primeira monografia sobre um tema das regiões tropicais apresentada em provas de licenciatura. Interessando-se pelos problemas geográficos daquela cidade, onde nasceu, seguir-se-iam «Aspectos económicos da cidade de Luanda» (1957), «Originalidade da cidade de Luanda» (1958), «Subsídios para o estudo da evolução da população de Luanda» (1959 e 1962), «Descrição da Luanda setecentista vista através de uma planta de 1755» (1960), «Luanda. Une ville portugaise en Afrique tropicale» (1960), «A baixa de Luanda, como área de centralização das actividades económicas: um exemplo do reflexo dinâmico do crescimento urbano» (1969), «Nota sobre a evolução da população de Luanda e dos seus *muçiques*» (1969). Assim foram sendo alargados os conhecimentos e reunidos os materiais que iriam dar lugar à monografia *Luanda. Estudo de Geografia urbana*, Lisboa, 1968, com muita ilustração e uma cuidada bibliografia. «Este livro constitui a primeira monografia geográfica, de carácter científico, da cidade de Luanda, e é o resultado de muitos anos do seu estudo. Mais do que a apresentação de uma forma simplesmente descritiva, tentou-se uma análise e uma interpretação geográficas do processo dinâmico da evolução urbana, sempre que os elementos de estudo existentes as permitiram» (p. 11). «Neste caso, o geógrafo preferiu debruçar-se sobre as características espa-

ciais do fenómeno urbano e suas relações externas, considerado, como todos os fenómenos humanos, como uma entidade orgânica que evoluciona sob a acção de uma multiplicidade de acções individuais e colectivas» (p. 14). O livro obteve os Prémios Almirante Gago Coutinho, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Câmara Municipal de Luanda. Retomado o mesmo objecto de estudo em «Luanda, cidade quadricentenar» (1975) e «Luanda e os seus *muçiques*. Problemas de geografia urbana» (1983), estão em preparação outros textos, quer sobre o passado da cidade (em meados do século passado, a partir de um texto de 1848), quer sobre aspectos actuais (o chamado sector *informal* de actividades urbanas) da que continua a ser a capital, agora da República Popular de Angola. Foram tratados pelo mesmo autor outros assuntos, tais como um *Estudo Geográfico da Rede Urbana de Angola*, Lisboa, 1962, «Nota sobre a evolução da população urbana de Angola» (1970), com forma francesa dois anos depois, «Contribuição para o conhecimento do fenómeno de urbanização em Angola» (1978), «Johannesburg: do campo mineiro à conurbação» (1966), «Beira: cidade e porto do Índico» (1969), «Nota acerca das cidades da África ao sul do Sara» (1970). Os três últimos fazem parte de uma linha de pesquisas tendentes a um estudo comparativo das cidades da África central e meridional, prosseguida ainda hoje, mesmo que sem a continuidade originalmente pretendida. Assim se podem considerar as recensões «Acerca das cidades na África tropical: notas bibliográficas» (1985) e «Maputo antes da Independência, Geografia de uma cidade colonial» (1986), título da tese de doutoramento de Maria Clara Mendes, a que em breve faremos referência. Em relação a Angola cita-se ainda *Aspectos do Povoamento Branco de Angola*, Lisboa, 1960, um livrinho desprezioso que encontrou aceitação em diversos sectores nacionais e estrangeiros, tendo em conta a frequência com que é utilizado.

O mesmo geógrafo, após ter iniciado em 1959 os trabalhos de campo para a preparação de uma dissertação de doutoramento sobre as formas do relevo do Noroeste de Angola, teve de abandonar tal projecto por motivo da guerra aí eclodida nos princípios de 1961. Dadas também as limitações de tempo para se apresentar às provas de doutoramento, acabaria por escolher, entre os projectos futuros, o estudo de uma ilha caboverdeana. Assim nasceria *Santiago de Cabo Verde. A Terra e os Homens*, Lisboa, 1964, 444 p., muita e variada ilustração, e uma extensa bibliografia (pp. 377-412). Numa recensão da tese de Francisco Tenreiro, assinada por Suzanne Daveau, pode ler-se o seguinte: «É a quarta ilha



do Atlântico cuja monografia nos é oferecida pela escola geográfica de Lisboa». E o autor da quinta monografia, citando essa frase, acrescentaria os votos de «que *Santiago* não desmereça o lugar que vai ocupar na linha de estudos apontada e que possa, ao lado do *Fogo*, servir o arquipélago de Cabo Verde e trazer elementos que ajudem à solução de alguns dos seus problemas» (p. 11 do livro). Concorrente ao Prémio Abílio Lopes do Rego, da Academia das Ciências de Lisboa, foi-lhe atribuído o 1.º Prémio. Desde há muito o livro está esgotado; é provável que venha a ser feita uma reedição depois de actualizadas várias partes da obra, tendo em conta resultados de investigações posteriores à sua elaboração. Também dedicadas a Cabo Verde, saíram pequenas notas sobre o «Litoral da ilha de Santiago (Cabo Verde), na área da Praia» (1967) e «Alguns aspectos geomorfológicos do litoral da ilha de Santiago (arquipélago de Cabo Verde)» (1974). Em 1980 e 1981 foram distribuídos, em números restritos, os dois primeiros volumes da *Bibliografia Geral de Cabo Verde. (Anotada e ilustrada)*, ainda em forma dactilografada e policopiada. Estão iniciados os trabalhos de pesquisa científica para a redacção de uma monografia de Santo Antão, e decorrem satisfatoriamente as tarefas do projecto de um *Atlas de Cabo Verde*, ambos no âmbito das actividades do Centro de Geografia do Instituto de Investigação Científica Tropical, criado por força do Decreto 106/83, de 19 de Abril, e seguidos com o maior interesse e apoio das autoridades cabo-verdeanas.

Outro domínio que temos explorado, a par da geomorfologia e da geografia urbana, é o da Geografia política. Nela se incluem quer estudos de natureza histórica, sobretudo de viagens de exploração nos séculos XVIII e XIX, quer de problemas actuais. Assim sucedeu em «Entre o Cunene e o Cubango, ou a propósito de uma fronteira africana» (1980-81) e em «Fronteiras, Estado e Nação em África. Apontamentos de Geografia política» (1985); «A viagem dos pombeiros angolanos Pedro João Baptista e Amaro José entre Mucari (Angola) e Tete (Moçambique), em princípios do século XIX, ou a história da primeira travessia da África Central» (1984), em colaboração com Ana Amaral, «Projectos portugueses da travessia da África Central: uma viagem ao Nordeste de Angola em meados do século XVIII» (1988). Tem em preparação um estudo geográfico sobre Mbanza Kongo, a capital do antigo Reino do Congo. No prelo está «Medidas portuguesas para a organização dos novos territórios nas margens continentais do Atlântico Sul, no século XVI».

Intercalamos aqui uma breve notícia sobre dissertações de licenciatura, dactilografadas e policopiadas, apresentadas por diversos candidatos interessados em Moçambique e em Angola. Sirvam de exemplo os casos seguintes: Maria Helena Carvalho de Almeida, *Lourenço Marques. Tentativa de uma interpretação geográfica* (1963), Maria Isabel Monteiro Coelho, *A Ilha de Moçambique* (1966), Maria do Céu Carvalho Pires de Sousa Gomes, *Vila João de Almeida. Um centro de Colonização Agrícola Decadente* (1966), Iolanda Maria Maurício Alves de Oliveira, *Porto Alexandre. Vila Piscatória do Sul de Angola* (1966), Maria do Céu Martins Pinto, *Fazenda Tentativa. Estudo Geográfico de uma Plantação* (1970), Maria Clara Teles Mendes, *Gabela. Estudo de Geografia Urbana* (1970). Outras dissertações estavam em preparação quando uma portaria de 1975 dispensou a necessidade delas para a obtenção do grau de licenciado. Depois disso e pelos acontecimentos do conhecimento de todos, não apareceram outros trabalhos do mesmo nível de exigências escolares. Não podemos deixar de incluir neste parágrafo a tese de Maria do Céu C. C. de Sousa Gomes, *Hoque. Um Exemplo de Fixação Metropolitana Espontânea* (1968), para o concurso nos Institutos Comerciais de Angola e a publicação da dissertação de licenciatura de Maria Clara Mendes na revista *Garcia de Orta*, 1974.

Angola ficaria com maior número de estudos geográficos, em vários domínios. Em Geomorfologia, as primeiras contribuições foram, sem dúvida, as de Mariano Feio: «O relevo de Angola segundo Jessen» (1946) e «O relevo de Angola segundo as interpretações de Jessen e de Veatch» (1946), mesmo antes de ter ido a esse território; «As praias levantadas na região do Lobito e da Baía Farta» (1960), «A evolução da escadaria de aplanções do Sudoeste de Angola» (1964), «A evolução do relevo da bacia endorreica do Cuanhama (Angola)» (1966), «O rio Cunene. Estudo geomorfológico» (1970), depois de aturadas investigações locais, no âmbito dos programas da Missão de Estudos de Geografia Física do Sul de Angola. Desde os resumos da parte geomorfológica do livro de Otto Jessen, *Reisen und Forschungen in Angola*, Berlim, 1936, tentaria Mariano Feio rever o esquema de aplanções e seu escalonamento, em função da flexuração do litoral e a posição relativa do nível de base geral, traçado pelo geógrafo alemão. Traria assim vários esclarecimentos e maior rigor de observações; ao mesmo tempo, abriria outras vias para a investigação minuciosa acerca das formas do relevo do Sudoeste angolano. O volume *O Relevo do Sudoeste de Angola. Estudo de Geomorfologia*, Lisboa, 1981, 326 p. e muita ilustração, constitui uma obra fundamental e preciosa.

Tivemos a ocasião de dedicar a Mariano Feio um artigo intitulado «Em redor do tema da flexura marginal, ou litoral, dos continentes» (1985), incluído no seu Livro de Homenagem, que revê as suas ideias fundamentais desde a publicação da sua tese de doutoramento, *A Evolução do relevo do Baixo-Alentejo e Algarve*, Lisboa, 1952, até ao volume acima mencionado.

Nós próprios, em «Nota preliminar acerca do relevo de Angola entre os rios Zaire e Loge» (1961), de colaboração com Orlando Ribeiro e Mariano Feio, e em «Aspectos do relevo do Noroeste de Angola entre os rios Loge e Cuanza» (1970) abordaríamos, de igual modo, o problema das aplanções e seu escalonamento. Todavia, mais interessados na compreensão dos processos de erosão, em função dos climas, sob uma óptica dinâmica e actual, demos início a estudos comparativos e de pormenor, sobre «*Inselberge* (ou montes-ilhas) e superfícies de aplanção na bacia do Cubal da Hanha, em Angola» (1969), e «Formas de *Inselberge* (ou montes-ilhas) e de meteorização superficial e profunda em rochas graníticas do deserto de Moçâmedes (Angola), na margem direita do rio Curoca» (1973); em relação ao comportamento de rochas calcárias escrevemos «Contribuição para o conhecimento do *Karst* ou carso de Nova Caipemba, no Noroeste de Angola» (1973) e «Nota sobre o *Karst* ou carso do planalto da Humpata (Huíla), no Sudoeste de Angola» (1973). Atraído pelas formas sob clima árido do deserto de Moçâmedes, interessado em detectar os processos por ela responsáveis, estudamos vários aspectos já registados em «Imagens do deserto de Moçâmedes» (1973), «A propósito de formas escavadas em leitos fluviais e em vertentes de rochas graníticas, no deserto de Moçâmedes (Angola)» (1974), «Paisagens morfológicas do deserto de Moçâmedes (Angola), entre os rios Curoca e Cunene», com duas partes (1976 e 1982). Mais recentemente publicamos a primeira parte de «Processos e formas de evolução do relevo em rochas da Orla Sedimentar do deserto de Moçâmedes-Angola» (1985), estando em preparação a segunda parte. Sobre essa actividade é-nos grato referir a opinião expressa por Mariano Feio em vários pontos do seu livro de 1981. Sirva de exemplo o que escreveu em p. 270: «No respeitante ao modelado dos climas semi-árido e árido, referem-se à região trabalhos muito importantes de I. Amaral [...] e H. Abel [...]. O primeiro trabalhou sobretudo na área do Deserto de Moçâmedes [...] e tratou com profundidade, muito pormenor e vasta informação bibliográfica muitos aspectos que é impossível referir aqui de maneira completa, tais como as tácticas da meteorização (localizações preferenciais, influência das

juntas, esfoliação, crostas, placas de rocha solta, alvéolas, cavernas, etc.) e também a evolução das vertentes, pavimentos pedregosos, a geometria das paisagens de *inselberge*, possíveis heranças de climas anteriores, formas e processos eólicos, idade do deserto, etc.».

Ficaria incompleta esta parte se não chamássemos a atenção para os trabalhos de Manuel Monteiro Marques, também formado na «Escola geográfica de Lisboa», antigo colaborador do Centro de Estudos Geográficos, e desde há muitos anos integrado no Centro de Estudos de Pedologia Tropical, do Instituto de Investigação Científica Tropical, onde tem feito a sua carreira. Assim, são de sua autoria tentativas de definição das grandes unidades geomorfológicas de Angola (1966 e 1977, sobretudo), interpretações acerca das vastas aplanções (1963, 1965, 1969, 1971), estudos sobre couraças lateríticas (1966, 1968, 1971, 1973), etc. Tem trabalhos sobre outros territórios (São Tomé e Príncipe, Guiné e Cabo Verde), sendo de destacar as suas valiosas contribuições no traçado de cartas hipsométricas de Santiago e do Fogo, por exemplo.

É justo recordar ainda o departamento de Geografia e o Gabinete de Estudos de Geografia Ultramarina (GEGU) que tivemos a ocasião de apoiar e orientar nos Cursos de Letras da antiga Universidade de Luanda, até Fevereiro de 1974. Alguns colaboradores puderam levar a cabo pesquisas fundamentais para a redacção de livros. Foram os casos de Isabel Marques Medeiros e de Carlos Alberto Macedo de Medeiros. A primeira, que já dera uma pequena nota sobre «Elementos estatísticos. Ultramar: Macau» (1970), escreveria então «Apontamentos sobre a pesca e a evolução da indústria piscatória em Angola» (1972), primeira forma de um estudo mais longo e pormenorizado, que viria a publicar com o título de *Contribuição para o Estudo da Colonização e da Pesca no Litoral de Angola ao Sul de Benguela*, Lisboa, 1982. Preparava, como dissertação de doutoramento, um estudo de Moçâmedes e a sua região. O segundo, especializado em Geografia das regiões tropicais, na Universidade de Bordéus, onde fez tese de Terceiro ciclo sobre um tema da Guadalupe, depois de produzir, entre outros escritos científicos, «Notícia da cartografia do arquipélago de Cabo Verde» (1968), «Acerca da ocupação humana das ilhas portuguesas do Atlântico» (1969), «Uma nova Geografia de África» (1972), «Les Restingas (flèches littorales) d'Angola, spécialement celles du Sud et du Centre» (1974), em colaboração com A. Guilcher. J. Esteves de Matos e J. Tomás de Oliveira, apresentaria a sua tese de doutoramento, *A Colonização das Terras Altas da Huíla (Angola). Estudo de Geografia Humana*, Lisboa, 1976, 705 p. e muita

ilustração. Obteve o Prémio Abílio Lopes do Rego, da Academia das Ciências de Lisboa. Segundo ele próprio escreveu na segunda página do Prefácio, «definida a área do planalto huilano onde se fez sentir aquele fenómeno (a colonização), procurei analisar tanto os problemas da população branca que se estabeleceu, como as consequências que dele resultaram para os indígenas. Deste modo, o meu objectivo foi um estudo de Geografia humana em que se consideram os resultados da colonização numa determinada área de Angola». A pp. 675-693 incluiu uma bibliografia bem concebida e rica de informações. Acabado de escrever em meados de 1975, o texto seria encerrado com as seguintes palavras: «Afim, também os colonos das Terras Altas da Huíla têm o seu caminho a trilhar, longo e difícil mas, de modo algum intransponível; e seria lamentável que as vicissitudes duma descolonização tormentosa — em grande parte devido ao atraso com que foi encetada — conduzisse ao seu êxodo maciço da região» (p. 652). Mal sabia o autor que os seus receios se transformariam em alucinante realidade pouco tempo depois. Ainda são de sua responsabilidade «Le phénomène de la colonisation et quelques problèmes de la mise en valeur du Sud-Ouest de l'Angola» (1977), «Nota sobre o povoamento da Baía dos Tigres» (1978) e a recensão da tese de doutoramento de Maria Clara Mendes (1981). Carlos Alberto Medeiros dirigiu uma tese de um docente da Universidade Eduardo Mondlane, Manuel de Araújo, sobre *O sistema das aldeias comunais de Moçambique. Transformações na organização do espaço residencial e produtivo* (1988), apresentada e defendida na Universidade de Lisboa.

Também sobre este território se debruçaram vários geógrafos, sendo de destacar a tese acima mencionada, de Maria Clara Mendes, *Maputo antes da Independência. Geografia de uma cidade colonial*, Lisboa, 1985, editada neste ano pelo Instituto de Investigação Científica Tropical, em que analisa os problemas da cidade tal como se apresentava um pouco antes da independência moçambicana. Igualmente merece ser referida a dissertação de Maria Eugénia Soares de Albergaria Moreira Lopes, licenciada em Coimbra e que, como a primeira, foi docente da Universidade de Lourenço Marques: *A Bacia do Rio Umbelúzi (Moçambique). Estudo Geomorfológico*, Lisboa, 1979, ainda sob forma dactilografada e policopiada; é de esperar que venha a ganhar edição definitiva. Fizemos uma recensão desta tese, conservando-lhe o título (1980). Da primeira autora são ainda «Aspectos geográficos da Rede Urbana da Suazilândia» (1974), *A variação espacial da densidade de população urbana em Lourenço Marques* (1976), «A rede urbana de Moçambique» (1981), «As rela-

ções económicas afro-árabes» (1982), «Slum housing in Luanda: Problems and Possibilities» (1984), «Slums and squatters in Maputo: Structure and Perspectives» (1984), «Urban Network in Mozambique» (1985), e «Angola Urbanization and Planning» (1985). Da segunda, acrescentamos «Algumas notas sobre o clima da Inhaca» (1973), «As modificações do clima de Lourenço Marques à Namaacha» (1974), «The Paleoclimatic Significance of Petrographic Composition of Olifant's Riber Terraces coarse Deposits in Massingir» (1975), «Inhassôro e Bartolomeu Dias: as actividades da população e a organização do espaço» (1975), «Nota sobre o ecossistema do mangal no Sul de Moçambique. Paisagem da faixa litoral sob a influência de oscilações das marés» (1977), «Ensaio de cartografia geomorfológica e hidrogeomorfológica na bacia do rio Umbelúzi, em Moçambique» (1978), «Modelado cársico das arribas e plataformas de abrasão-corrosão, no litoral sul de Moçambique» (1983) e «Aplicação da transformada de Fourier ao tratamento de imagens, com exemplos de áreas de Moçambique e em Portugal» (1983).

Se tivermos em conta as datas das numerosíssimas publicações aqui mencionadas, podemos dizer que os anos de 60 e de 70 foram de grande dinamismo nos domínios da geografia das regiões tropicais, quer da Geografia física, quer da Geografia humana, quer sobretudo da Geografia regional. Os geógrafos portugueses para aí voltados procuraram fazer o melhor que puderam. Muitos desses estudos foram úteis à Administração quando quiz definir medidas, ou remediar situações, com base em trabalhos científicos de geógrafos. Em 1983 publicamos, na revista *Garcia de Orta*, 8 (1-2) «Estudos de Geografia das regiões tropicais. Contribuições da 'Escola geográfica de Lisboa'», uma bibliografia anotada, com 214 títulos, número que já está ultrapassado.

Não podíamos finalizar este texto sem mencionar os nomes de duas geógrafas francesas fixadas em Portugal por casamento com colegas portugueses: Suzanne Daveau Ribeiro e Denise Brum Ferreira. Da primeira, entre nós desde 1965, trazendo atrás de si uma vasta obra de tropicalista, com larga experiência adquirida em campanhas na África Ocidental e no ensino na Universidade de Dacar, registamos, por exemplo, «Bilan des recherches concernant l'étude du Quaternaire dans les territoires portugais d'Afrique» (1969), «La découverte du climat d'Afrique tropicale au cours des navigations portugaises (XV<sup>e</sup> siècle et début du XVI<sup>e</sup> siècle)» (1969), «Contribution à l'étude climatique du désert côtier d'Angola» (1972), entre outros, testemunham o interesse que lhe têm merecido os antigos territórios de colonização portuguesa. Com Orlando

Ribeiro publicou *La zone intertropicale humide*, Paris, 1973, onde foram utilizados muitos exemplos extraídos de estudos portugueses e, naturalmente, da sua própria experiência. A outra geógrafa francesa se devem também notáveis trabalhos sobre climatologia, de que sublinhamos «Étude de la convection au-dessus de l'Atlantique tropical au large de l'Afrique occidentale» (1983), e «La crise actuelle dans l'archipel du Cap Vert. Quelques aspects du problème dans l'île de Santiago» (1987). Há cerca de um mês da realização deste Colóquio defendeu, na Universidade de Paris-Sorbonne, Paris IV, a sua monumental tese de doutoramento de Estado, *Le Climat de l'Atlantique Oriental des Açores aux Îles du Cap Vert. Contribution à l'étude du système océan-atmosphère*, em três volumes com um total de 1.657 páginas dactilografadas e polícopiadas, profusamente ilustrada; obteve a classificação mais elevada.

\*

Poderíamos acrescentar muito mais sobre o tema proposto para o Colóquio. Contudo, tivemos de respeitar as limitações de tempo e espaço, e a economia de palavras na elaboração desta contribuição. cremos que apontamos os aspectos mais importantes. Para terminar, transcrevemos a opinião insuspeita de Paul Claval, em *Géographie humaine et économique contemporaine*, Paris, 1984, quando em pp. 361 e 363 escreveu, a propósito de *La zone intertropicale humide*, de O. Ribeiro e S. Daveau, o seguinte: «il fallait une perspective plus historique pour saisir, au-delà des pesées de l'univers climatique, ce que le monde tropical devait à l'histoire et à sa disposition générale sur la carte. Orlando Ribeiro a eu la chance, à travers l'analyse patiente que lui et ses élèves ont conduite des terres tropicales encore portugaises ou de civilisation lusitaniennne, de saisir ce qu'était le globe avant les grandes découvertes, et ce qu'il est devenu ensuite». E, mais adiante, em homenagem expressa ao grande Mestre da Geografia portuguesa, a afirmação de que «les idées d'Orlando Ribeiro sont fort utiles pour comprendre les difficultés du économique dans le Tiers Monde: le déterminisme climatique n'est pas seul en cause; la distance qui existe entre les valeurs occidentales et celles qui sont acceptés ailleurs est telle que l'assimilation ne peut se faire aisément».

## A INVESTIGAÇÃO GEOGRÁFICA EM MOÇAMBIQUE ENTRE 1900 E 1975

MANUEL ARAÚJO \*

Quando me foi sugerido escrever algo sobre estudos geográficos ou de índole geográfica levados a cabo em Moçambique por pesquisadores portugueses para apresentar em tão Magna Assembleia, dois sentimentos se apoderaram de mim: por um lado, satisfação pelo convite e por ter oportunidade de me encontrar com ilustres colegas para debater ideias e preocupações; por outro, receio em não conseguir produzir algo que estivesse à altura de tal evento.

Estes dois sentimentos mantêm-se, consciente da importância deste encontro e das limitações que tive de enfrentar.

Estou ciente que o levantamento que levei a cabo não consegue abranger tudo o que foi escrito, no âmbito da ciência geográfica e afins, por autores portugueses sobre Moçambique durante o decurso dos três quartéis deste século. Muito mais haveria a referir, o que me levou a criar, no Departamento de Geografia da Universidade Eduardo Mondlane, um grupo que, numa forma mais sistemática e coordenada, iniciou um trabalho de pesquisa bibliográfica sobre Moçambique no âmbito geográfico ou com ele relacionado.

### 1. Metodologia

Logo à partida fui confrontado com a seguinte questão: ser-me-ia possível encontrar em Moçambique tudo o que foi escrito sobre a sua Geografia desde os primórdios deste século? Não estaria em Portugal

\* Departamento de Geografia da Universidade Eduardo Mondlane.